

## **LER DESPORTIVAMENTE LENINE – PARA A HISTÓRIA DO COMUNISMO E DO DESPORTO EM PORTUGAL**

José Neves

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

**Recebimento/Aprovação:** Artigo recebido em outubro de 2008 e aprovado para publicação em janeiro de 2009

### **Resumo**

O artigo analisa a importância histórica do desporto entre os dirigentes comunistas portugueses e entre os intelectuais comunistas e antifascistas portugueses. Cobrindo um período que se inicia nos anos 30 e encerra-se nos 60, o artigo mostra como o desporto e outras actividades físicas foram concebidos como instrumento de regeneração da saúde da nação – à semelhança do que sucedeu com diferentes ideologias do século XX – mas também como foram valorizados enquanto práticas constitutivas de um perfil militante comunista.

### **Abstract**

The article analyzes the historical importance of sports to Portuguese communist political leaders and Portuguese communist and antifascist intellectuals. Covering a period that goes from the 30's to the 60's, the article shows that sports and other physical activities were not only conceived as an instrument of regeneration of the nation's health - similarly to what was being done by other political ideologies - but also as practices that formed a communist militant profile.

## Introdução

Em Junho de 1947, perante a crescente importância dos espectáculos desportivos, a revista *Vértice*<sup>1</sup> lança gravosamente um alerta que denuncia a imensa alteração em que “tudo se confunde, tudo se afirma, tudo se contradiz” e onde todos “vivem em puro estado de euforia” e “perdem o sentido das proporções” (Editorial *Vértice* 1947: 103-104). Alguns anos depois, ainda na *Vértice*, o escritor Mário Braga insistia:

Nos cafés, nas repartições, nas lojas e nas escolas, só se fala de futebol; nos jornais e nas emissoras, também, só futebol e, de há um tempo para cá, hóquei em patins. E o ímpeto, o calor, o brio posto nestas discussões é tanto que mais se diria tratar-se de algum magno assunto da vida nacional, como poderia ser, noutros tempos, uma batalha de Aljubarrota ou a descoberta do Brasil. Os grandes acontecimentos mundiais e nacionais, tudo passa, diluído na indiferença quase geral (Braga 1956: 99).

Sobretudo na segunda metade do século XX, muitos foram os intelectuais que reiteraram inúmeras vezes o suposto carácter alienante do espectáculo desportivo e depois do 25 de Abril de 1974, socorrendo-se do conhecido slogan do ópio do povo, a alusão à tripla Fado-Futebol-Fátima foi frequentemente apresentada para explicar o meio século de duração da ditadura. O slogan, recordemo-lo, colhe inspiração junto de Karl Marx, mais precisamente de um seu comentário acerca dos fenómenos religiosos. O mérito da simplificação conseguida pelo slogan não se deve, contudo, a Marx. Na realidade, o seu comentário antes começa por situar a ambivalência do problema religioso:

em 1844, na *Contribuição para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, Marx escreve que a “angústia religiosa é, ao mesmo tempo, a expressão da verdadeira angústia e um protesto contra a verdadeira angústia” e depois sim metaforiza o “ópio do povo” (Marx 1844).

Neste texto, em que procuramos fazer um primeiro esboço histórico da relação dos comunistas em Portugal com as actividades de lazer de “*ar livre*”, veremos que a tendência para reduzir a ambivalência marxiana à univocidade do slogan do ópio do povo nem sempre foi

---

<sup>1</sup> Criada nos anos 40, a revista *Vértice* tornar-se-ia um dos mais importantes espaços intelectuais de reunião da oposição portuguesa ao salazarismo. Da literatura à história passando pelas artes visuais, nas suas páginas encontramos os mais importantes intelectuais comunistas e antifascistas portugueses.

predominante. Ao longo das próximas páginas, verificaremos nomeadamente a existência de um duplo elogio comunista à prática física. Por um lado, elogio da prática física enquanto instrumento de revigoração nacional. Por outro lado, elogio das actividades físicas enquanto formadoras de perfil militante<sup>1</sup>.

## **A Saúde Nacional**

Em 1932, o regime ditatorial português aprovou o Regulamento de Educação Física dos Liceus, interditando a prática dos desportos nas escolas portuguesas e excluindo-a dos programas de educação física. O desporto era então considerado um meio de “deformação física, quantas vezes de perversão moral”, que destoaria “do génio do povo português” e que introduziria um “elemento exótico que só serve para se juntar às causas que, de longe, também vêm trabalhando no sentido de o desviar do seu bom e verdadeiro rumo nacional” (apud Amado 2002: 21). Ao longo dos anos 30, o desporto tendeu a ser entendido pelo regime como a antítese da educação física e apenas nos anos 40 se encontram sinais consistentes de uma mudança de perspectiva. De acordo com o jurista João Leal Amado, um novo regulamento de 1943 vem reconhecer cabalmente a validade social do desporto e, a partir de então, a crítica ao desporto perde espaço em prol da crítica à comercialização do desporto (Amado 2002: 21-23).

Entre os intelectuais comunistas ou simpatizantes, este posicionamento – aceitação do desporto e crítica da sua comercialização – era corrente pelo menos desde finais dos anos 30 e prolongou-se pelas décadas seguintes. Senão vejamos. Em Maio de 1939, nas páginas de *Sol Nascente*, Pereira da Costa<sup>2</sup> impunha justamente a necessidade de se começar a falar sobre desporto separando o trigo do joio, louvando o seu papel educativo e criticando o “triste

---

<sup>1</sup> Este artigo corresponde a parte da investigação que esteve na origem da tese de doutoramento *Comunismo e Nacionalismo em Portugal – Política, Cultura e História no Século XX*, tese que defendi no ISCTE no início de 2008. Ainda assim, e dada a ausência de qualquer investigação histórica sobre o tema da relação entre comunistas e desporto em Portugal, é preciso sublinhar a precariedade dos resultados aqui apresentados. Aproveito também para assinalar que, por razões de espaço, deixo para uma outra ocasião questões relativas à história do elogio comunista ao desporto enquanto símbolo de uma cultura portuguesa, elogio que ganha força na segunda metade do século XX. Outras questões que desenvolvem o problema da corporalidade na idealização da militância comunista ficam também à margem deste artigo.

<sup>2</sup> Não identificado. Pode ser pseudónimo.

espectáculo dos campos de futebol e das assembleias gerais dos grandes trusts futebolísticos” (Costa 1939: 15). Em 1947 lamenta-se na *Vértice* que a indústria do espectáculo tenha conduzido o país a uma situação em que existiam tão poucos praticantes, mais a mais “falhos de nível técnico”, para tantos assistentes que na sua grande maioria não tinham qualquer “educação desportiva” (Sem autor 1947: 103-104). Nos anos 50, é o próprio *Avante!*, jornal clandestino do Partido Comunista Português (PCP), a acusar o regime de desviar o desporto dos seus objectivos “sãos e educativos”, apostando nele como espectáculo e não como prática (*Avante!*, Agosto de 1955: 2), argumento aliás esgrimido pelo escritor Romeu Correia em *Desporto-Rei*, onde conta a história de uma “pacata vila da província, onde só dois conterrâneos jogavam o Futebol, mas com o qual vários especulavam – e a que quase todos assistiam” (Correia 1955: 6). Finalmente, no programa do congresso de 1965, o PCP designa a libertação do desporto das teias da comercialização como principal objectivo da sua política desportiva (PCP 1974: 47).

O elogio à prática desportiva não implicou todavia que no discurso comunista se desvanecesse por completo a oposição entre educação física e desporto. Na verdade, sob a crítica à comercialização do desporto veio frequentemente censurar-se a dimensão hedonística do desporto. Quando, em Abril de 1940, Júlio Gesta (Fernando Seabra<sup>1</sup>) lamenta que se despreze a “autêntica finalidade do desporto para destacar aquilo que nele é apenas acessório: a sua faceta espectacular”, o médico comunista não vem apenas criticar o desporto comercializado mas vem também afirmar a primazia de uma função física/higiénica do desporto sobre tudo o resto<sup>2</sup>: para Júlio Gesta não era admissível que um indivíduo enfezado, a quem a racionalidade médica aconselhava a prática do atletismo, acabasse a jogar futebol simplesmente porque possuía uma particular habilidade futebolística; no fundo, para Gesta

---

<sup>1</sup> Fernando Seabra é provavelmente Júlio Gesta (1917-1971). Júlio Gesta licenciou-se pela Faculdade de Medicina do Porto. Inicialmente próximo do PCP, promoveu o campismo e praticou desporto. (Andrade 2006: 356).

<sup>2</sup> Veja-se também: H.M., “Desporto publicitário, desporto falso», em *O Diabo*, n.º 224, 7-1-1939, p.6.

permanecia actual a necessidade de fazer valer a racionalidade da educação física sobre fundamentos desportivos como o jogo. A ambição de Gesta era aliás revitalizar o país pela educação física:

Suponhamos agora o nosso país fornecido, de norte a sul, de estádios que não fossem propriedade de empresas comerciais falsamente desportivas, mas de todos; de piscinas permitindo a prática da natação com qualquer tempo; de uma orientação desportiva racional, dirigindo os praticantes para a modalidade conveniente; numa palavra, um desporto organizado segundo as normas eficientes e com uma larga base ginástica (Seabra 1940: 6).

Esta valorização da ginástica – em particular da chamada ginástica sueca<sup>1</sup> – relativamente aos demais desportos tendeu a confinar o desporto à funcionalidade de uma política de saúde nacional. Em particular entre o final dos anos 30 e o início dos anos 40, no contexto da II Guerra Mundial, o desporto tendeu a ser discursado pelos comunistas como um instrumento de educação física de um exército de mão-de-obra ou de um exército de soldados e, ainda que tenham criticado abertamente o racismo e o militarismo do Estado Novo, em muitas circunstâncias os comunistas mantiveram-se próximos das concepções dominantes<sup>2</sup>. Em 1940, se Júlio Gesta criticava “uma ginástica de puro decalque militarista”, *O Diabo* porém lamentava que tanto a Volta a Portugal em Bicicleta como o *Tour de France* em nada contribuíssem para melhorar “os índices fisiológicos da raça” (*O Diabo* 1940: 5)<sup>3</sup> e em Julho

---

<sup>1</sup> Veja-se Tavares Júnior em *O Diabo* em 1939: “Na Bélgica, por exemplo, o futuro jogador de “foot-ball” passa anos que não vê praticamente uma baliza. Primeiro faz ginástica... E passa meses, antes do dia em que jogue em conjunto e possa meter goals. Acabam assim por onde se começa em Portugal!» (Tavares Júnior 1939: 7).

Veja-se também: Fernando Piteira Santos, “Desporto e fisiocultura», em *O Diabo*, n.º 279, 27-1-1940, p.4: “Pehr Henrik Ling, utilizando dados científicos, obedecendo à medicina, concebeu uma coordenação correctiva dos exercícios físicos que ganhou renome universal e universalmente foi praticada – a ginástica sueca».

<sup>2</sup> Em muitas circunstâncias tratar-se-á de uma simples adesão ao vocabulário racialista dominante sem que tal implique necessariamente a adesão a interpretações racialistas. Noutros casos nem por isso. Veja-se por exemplo a recensão de Bento de Jesus Caraça ao livro de Henri Decugis, *O Destino das Raças Brancas*, recensão publicada em 1936 em *O Diabo*: “É indubitável que a raça branca manifestou sempre qualidades superiores de inteligência e organização que lhe deram o domínio do mundo. Simplesmente... leiam-se com cuidado as observações do autor sobre a diminuição geral da fecundidade que acompanha a ascensão social dos grupos e dos indivíduos; meditem-se as suas considerações sobre a sorte das civilizações antigas que morreram, precisamente, por definhamento e infecundidade das elites, vejam-se, principalmente, as suas estatísticas e gráficos sobre o aumento impressionante do número de alienados e degenerados de toda a espécie, entre as elites dos países de civilização mais adiantada, veja-se tudo isso, conjugue-se com todos os elementos anteriores, e ouvir-se-á um sinistro dobre a finados sobre o destino das raças brancas...Será realmente assim? Teremos de resignar-nos à situação deprimente de futuros cadáveres, abandonar-nos ao sentimento da nossa degenerescência progressiva como raça e reduzir-nos ao mero papel de espectadores impotentes duma evolução que se faz, impreterivelmente, contra nós?» (Caraça 1936: 4).

<sup>3</sup> Um ano antes, em *O Diabo*, o jovem Álvaro Cunhal descrevia a decadência presente da juventude com os olhos postos no seu revigoramento futuro: “A juventude: exército cansado e batido – triunfante apenas da morte –, faces pálidas e peitos escorridos, vestes cansadas como os corpos. A contemplação dorida duma tal juventude faz ansiar prementemente o seu revigoramento.

de 1942 o *Avante!* denunciava os “nossos conspícuos higienistas” que falavam “da Raça e do seu revigoração” mas cujas políticas contribuía para o seu “definhamento” (*Avante!*, 2ª Quinzena de Julho de 1942: 2). O discurso dos comunistas sobre educação física e desporto mostra assim neste período, entre final dos anos 30 e início dos anos 40, uma séria preocupação em devolver à nação as bases para uma vida interna “saudável” tanto a nível moral<sup>1</sup> como a nível produtivo: para Júlio Gesta, o desporto não devia ser considerado “actividade supérflua ou simples passatempo” justamente porque ele era um “elemento preponderante na defesa contra as nefastas consequências inerentes à mecanização do trabalho” (Seabra 1940: 11). Influenciados pela correlação entre trabalho e educação física estabelecida no regulamento estatal de 1932 mas também fundamental ao discurso soviético em torno das necessidades industriais/militares dos anos 30 (Gounot 2003: 215), os intelectuais comunistas tenderam a olhar o desporto como um meio ao serviço da preparação física dos corpos que trabalham. O próprio lazer do trabalhador, veremos já em seguida, tendeu a ser pensado em nome de uma vida nacional mais saudável.

### **O Turismo e o Campismo**

Mais além da questão desportiva, em Portugal, no final dos anos 30, os comunistas procuram gizar uma política relativamente às práticas de lazer dos trabalhadores. O desafio não era novo no movimento operário e no movimento comunista internacional mas no final dos anos 30 existiam fenómenos que reforçavam a importância da questão. Em Portugal o regime cria em 1935 a Federação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT) e pela Europa fora as medidas emblemáticas do governo da Frente Popular francesa, sobretudo a lei das férias pagas, tem significativo impacto. No *L'Humanité*, no Verão de 1937, Paul Vaillant-Couturier

---

[...] O desejo de um corpo são, ágil, robusto e belo, capaz de se embriagar em comunhão com a Natureza, capaz de resistir a tempestades, capaz de conquistas e triunfos, reside no coração de cada jovem. As tormentas da infância e da adolescência não conseguem apagar esse desejo imperativo» (Cunhal 1939: 1).

<sup>1</sup> Neste contexto de “higienização”, Aureliano Lima vem reflectir sobre o desporto enquanto “terapêutica criminalista» (Lima 1943: 11).

comemorava efusivamente um primeiro dia de férias, como se de um 1º de Maio se tratasse. As suas palavras são todo um programa em prol de uma modernidade de massas:

15 août ! Depuis trois jours, vers la mer, vers les plaines, vers la montagne, c'est la ruée. Les trains sont doublés, triplés, quintuplés. Les routes se peuplent d'un cordon continu de voitures offrant le spectacle de la plus effarante rétrospectif de l'auto, encadré de motocyclettes, de vélos et de tandems. On donnait hier trois cent mille départs dans les gares... Mais combien de dizaine de milliers par la route ? [...] C'est la victoire des lois sociales, des quarente heures, des congés payés et de l'Exposition. La victoire du Front Populaire. Deux aspects à cette victoire. Son aspect humain: le grand air, le sport, le repos, la joie pour tous les travailleurs ! Un pas nouveau vers la dignité... Son aspect économique : l'afflux d'argent frais, le regain d'activité du commerce, la résurrection du village, de la station, de la côte où la crise avait jeté le marasme...La France revit. Toute une jeunesse magnifique se prépare dans une joyeuse utilisation des loisirs de l'été, au travail de l'hiver (*L'Humanité* 15-8-1937: 1).

Em Portugal, estimulados por discursos como este, e em reacção às políticas de turismo impulsionadas por um António Ferro, os comunistas traçaram a partir de finais dos anos 30 uma linha política relativamente consistente em torno das questões do lazer dos trabalhadores. No que ao turismo diz respeito, o discurso comunista apelou à necessidade de aumentar o turismo interno, necessidade que surgia desde logo como crítica à propaganda turística do Estado. Esta propaganda dirigia-se com particular pompa ao turismo externo, algo que os comunistas sinalizavam como mais um sintoma da “traição nacional” da política salazarista. Veja-se a este propósito a intervenção de Francisco Miguel em tribunal, já em 1955:

Presentemente toda a riqueza existente no nosso país é propriedade de uma minoria de capitalistas nacionais e estrangeiros. A maioria dos portugueses não lê nem escreve português, não conhece a nossa arte nem a nossa história, não conhece mesmo o nosso país, porque, de pobres que são, não podem viajar. Isto é, presentemente, a maioria dos habitantes do nosso país estão privados de ser plenamente portugueses (Miguel 1955: 90).

No entanto, o discurso comunista não pugnou apenas por mais turismo interno. Para os comunistas era igualmente necessário criar um outro tipo de turismo interno. Um texto publicado na *Vértice* em 1954 é a este nível paradigmático. O autor, Fausto Dias, louva então Portugal como país que pela “beleza e variedade dos seus aspectos naturais” oferece inúmeras possibilidades ao turismo mas queixa-se de que os turistas se limitam a fazer “turismo de passagem, à ida e à vinda de deslocações para encontros de futebol ou de peregrinações”,

comendo e bebendo ou, quanto muito, manifestando curiosidade por um aspecto parcial da realidade. Ora, para Fausto Dias o mais importante no turismo é a possibilidade etnográfica que ele oferece, a possibilidade de praticar “*uma espécie de inquérito vivo*” que faz do turismo um factor de “consciencialização do homem português em face dos problemas e das realidades do seu povo e da sua pátria”. Havia pois que observar as características gastronómicas de uma determinada região mas também o “trabalho concreto dos homens” e o seu “reflexo na maneira de ser e de viver”, assim se afirmando “uma forma concreta de cada português compreender e amar Portugal” (Dias 1954: 125).

Mais tarde, em 1963, o historiador comunista Flausino Torres desenvolve esta argumentação. Alertando para os limites de uma concepção excessivamente naturalista da paisagem, Flausino Torres sublinha a importância que o turista deve reservar à observação do trabalho (Torres 11-8-1963: 1) e denuncia o misto de exotismo e tipicidade associados ao turismo do viajante estrangeiro: “Portugal não é um qualquer jardim zoológico, nem igualmente um museu de fósseis”, escreve Flausino Torres. Alertando, com Fausto Dias, para a necessidade do turismo interno não ficar esquecido – “o Turismo bem compreendido começará por nós próprios” –, Flausino Torres destaca-se porém ao querer expandir o mapa do “Portugal turístico”: para além dos “museus e lugares históricos”, das “belezas das serras” e dos “recortes da costa”, devíamos igualmente deliciarmo-nos com “o monumental, o progressivo, o industrializado de nossas cidades” (Torres 11-6-1963: 1).

Esta proposta de inclusão da paisagem industrial no mapa turístico terá sido, todavia, pouco habitual. Na realidade, parece-nos que também nos meios antifascistas terá persistido uma matriz turística rural, o que certamente é devedor da importância que o campismo mereceu entre os comunistas. Com efeito, foi em boa medida a partir do discurso de incentivo ao movimento campista, um discurso que se aviva em finais dos anos 30 e no início dos anos 40, que a valorização do turismo interno e o enaltecimento de uma sensibilidade turística

etnográfica ganharam maior ensejo<sup>1</sup>. Nos anos 40, em *O Campismo e a Vida Moderna*, livro editado pela Biblioteca Cosmos, Mário Mendes de Moura<sup>2</sup> dirigia-se aos trabalhadores para avisar que o campismo não deveria ter uma função meramente evasiva e episódica na ocupação dos seus tempos livres, numa crítica velada à função alienatória que entendia ser atributo da política de lazer da FNAT. No quadro de “uma tendência muito nítida da nossa época, tendência esta designada genericamente por Ar Livre”, Mendes de Moura tomava o campismo enquanto *antecipação* de uma ordem social a refundar depois do fascismo:

Quero-lhes assegurar que campismo não são só oito letras, uma palavra, uma futilidade ou uma evasão da vida, nem tão pouco apanágio de uma elite, mas, ao invés, uma arma forjada pelas condições artificiais de vida e que nas mãos da actual geração a ajudará a conquistar um futuro mais risonho (Moura 1946: 6).

Mas não nos alonguemos neste tópico. O que está em causa nas relações dos comunistas com o campismo não é apenas a questão das práticas de lazer dos trabalhadores. Efectivamente, no que respeita ao campismo e ao desporto, é tão ou mais importante levar em linha de conta a vontade de expansão da influência político-cultural antifascista às actividades extra-escolares dos mais jovens<sup>3</sup>. Uma vez mais, a questão começa por remeter à competição directa entre o regime e os comunistas. Em 1936, recordemos, é criada a Mocidade Portuguesa e, de acordo com Joaquim Campino, um dos principais activistas comunistas do movimento campista e um dos poucos militantes presentes no primeiro congresso do PCP reorganizado em 1943, os comunistas quiseram demarcar o seu modelo de organização campista daquele que predominaria nas actividades promovidas pelas instituições próximas do regime: “O campismo livre, o campismo sem farda nem apito, como então dizíamos. Sob a palavra de ordem “Vamos

---

<sup>1</sup> Veja-se por exemplo o elogio de César Anjo, no semanário *O Trabalho*, às pousadas regionalistas cuja construção então se desenvolveria por iniciativa do Ministério das Obras Públicas (Anjo 29-6-1939: 1). César Anjo, amigo próximo de Flausino Torres, era membro do PCP em Viseu desde os anos 30.

<sup>2</sup> Depois editor, Mário Mendes de Moura era à época estudante de agronomia e foi membro do Movimento de Unidade Democrática.

<sup>3</sup> Sobre a “política de juventude” do PCP no final dos anos 30 e nos anos 40, veja-se Madeira 1996: 219-242.

para o campo”, fizeram-se vários acampamentos colectivos, regionais e nacionais” (Campino 2000: 148-149)<sup>1</sup>.

Neste testemunho de Joaquim Campino encontramos aliás um eco romântico e libertário que igualmente se revela na relação que, nos anos 30 e 40, diferentes sectores da esquerda europeia estabelecem com os movimentos campistas, como indicia o ensaio de Theodor Adorno intitulado “Tempos Livres”: “Fazer campismo – no antigo movimento da juventude adorava-se fazer campismo – era uma forma de protestar contra o tédio e as convenções da burguesia. O desejo era de libertação, num duplo sentido. Dormir ao ar livre significava ter saído de casa, ter-se libertado da família” (Adorno 2003 [1969]: 137).

Importa porém não exagerarmos a importância deste veio libertário para o nosso estudo, pois o incitamento comunista ao campismo igualmente decorre da valorização de um cariz disciplinador do campismo, nele se reconhecendo certas propriedades consideradas fulcrais à formação de uma determinada personalidade militante. Em 1939, a revista *Sol Nascente* iniciava uma secção consagrada aos desportos e à educação física mas também ao campismo, secção que visava chamar a atenção dos intelectuais para os problemas da “higiene do corpo”<sup>2</sup>, e neste mesmo ano, em *O Diabo*, Firminiano Cansado Gonçalves, à época o membro do secretariado do PCP responsável pelos intelectuais e que fazia o acompanhamento do *Sol Nascente* e de *O Diabo*, divulgava os princípios orientadores do campismo sob a palavra de ordem “*Vamos para o Campo!*” mas retomando a origem escutista e o cariz militar que inspiraram o coronel Baden Powell, esclarecendo Gonçalves que “o campismo deve ser uma escola de alegria” e “a vida no campo, ao ar livre, deve industrializar o jovem na luta vencedora”,

---

<sup>1</sup> Nos anos 40 estes acampamentos foram em parte enquadrados pelo MUD Juvenil. Em 1947, num informe dirigido ao Comité Central do PCP, Álvaro Cunhal comentava da seguinte forma o crescimento do MUD Juvenil: “A juventude portuguesa acolheu com entusiasmo esse sopro de ar fresco. Multiplicaram-se os acampamentos, passeios, iniciativas para dar à juventude uma vida mais alegre e mais culta» (Cunhal 2007 [1947]: 626).

<sup>2</sup> “Sol Nascente publica hoje a sua primeira página consagrada ao desporto, campismo e educação física. Num país onde a literatura é uma mística incompatível com o culto da beleza física, onde a higiene do corpo é tida como falta de higiene da alma, onde a aproximação entre desportistas e intelectuais é toda exteriorista e superficial, onde os literatos e os críticos são corcovados, obesos e bisonhos; Sol Nascente, quinzenário cultural de literatura e crítica, revista do pensamento jovem, não esquece os problemas da saúde, higiene, beleza física e desporto» (Sem autor 1939: 17). Veja-se ainda: César Anjo, “Campismo: Escola de educação física para todos», em *Sol Nascente*, n.º 37, 1-6-1939, p.6.

uma vez que a actividade do campista se rege pela “vida colectiva” e pela “necessidade de uma certa ordem” que em “nada cerceia a liberdade individual de cada campista”: o campista compreende a necessidade “das refeições serem a horas certas e estarem todos presentes para elas, assim como a necessidade de comparência aos jogos colectivos” (Nogueira [Gonçalves] 1939: 7). Pesando estas virtudes, apesar da ruralidade subjacente ao campismo poder convidar ao “pessimismo”, Cansado Gonçalves concluía que o campismo era uma actividade propiciadora de uma disposição militante.

Estabelecendo uma afinidade entre as virtudes militares do exército inscritas no campismo e os exercícios de militância comunista, o campismo era valorizado por Cansado Gonçalves na medida em que permitia fomentar práticas de trabalho colectivo e disciplinar estilos de vida, formando a personalidade do jovem e reformando a personalidade do intelectual ao lhes emprestar as mais adequadas propriedades revolucionárias. Para os dirigentes comunistas deste período, a hipótese de se tomar a actividade física em geral como inimiga da política deveria ser resolutamente contrariada<sup>1</sup>, uma vez que ao campismo e ao desporto, para além da preparação física dos corpos que trabalham e do revigoramento da saúde nacional, acrescia a tarefa de fazer da política uma prática militante, algo que nas circunstâncias da clandestinidade implicava imaginar a política como uma actividade física. Assim, enquanto na Rússia os bolcheviques se formaram fisicamente sob a tirania do czarismo e em França a política se fisicaliza durante a II Guerra Mundial, em Portugal este processo inicia-se em finais dos anos 30 e ganha consistência com a reorganização dos anos 40. Os textos que Fernando Piteira Santos – praticante de pingue-pongue e de hóquei em patins, activista do campismo e responsável partidário pelos assuntos militares nos anos 40 – dedica

---

<sup>1</sup> Por exemplo em 1940, no momento da criação do clube *Unidos* pela CUF, face à intenção declarada pela direcção da CUF de assim “*levar o pessoal a abandonar a taberna e as questões de carácter político*», *Sol Nascente* responde considerando “*bizarro*» que se entendesse a cultura física – neste caso o desporto – como antagónica da política. (A.F.F. 1940: 12). Note-se também que vários intelectuais comunistas, ao longo das décadas seguintes, contribuíram para o movimento campista. Segundo Joaquim Campino, Alves Redol escreveu peças para serem apresentadas em acampamentos, nomeadamente no 2º Acampamento Nacional, realizado em Santarém em 1950. Também a música “Companheiros”, de Fernando Lopes Graça, acabaria por se tornar um hino dos campistas (Campino 2000: 48-49).

ao desporto em 1939, nas páginas de *O Diabo*, anunciam melhor que todos os outros esta fisicalização da política.

### **Com *O Diabo* no Corpo**

Num relatório de Junho de 1940, um agente da PVDE chamava a atenção dos seus superiores para um fenómeno em curso nos meios oposicionistas. Segundo ele, desde finais dos anos 30 que as revistas culturais *Sol Nascente* e *O Diabo* vinham tomando uma crescente feição política. Esta tendência, no entender do agente, devia-se à ascensão de um grupo de jovens intelectuais marxistas às redacções de ambos os periódicos. Nesse grupo havia um jovem que merecia “*referência especial: PITEIRA SANTOS*”<sup>1</sup>.

Aos 22 anos de idade, Fernando Piteira Santos era licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se destacara como dirigente estudantil. Tendo aderido ao PCP ainda no início dos anos 30, tornou-se um elemento decisivo na formação e dinamização de uma rede de intelectuais comunistas e antifascistas que permite que em finais de 1938, segundo o historiador Luís Trindade, os comunistas conquistem uma maior influência na redacção de *O Diabo*<sup>2</sup>, impondo ao longo de 1939 uma mudança no rumo do jornal. Desta mudança são impulsionadores os textos de Fernando Piteira Santos assinados em *O Diabo* ao longo desse ano, textos que se centram preferencialmente em temas de educação física e de desporto.

A opção temática pela educação física e pelo desporto era inusitada e Fernando Piteira Santos sabia-o bem, começando a sua contribuição para o jornal explicando as razões de tal opção, referindo que a importância social do desporto e da cultura física o obrigavam a escrever sobre o tema e adiantando que o carácter massivo da experiência desportiva não podia deixar de atrair um comunista. “Que nos perdoem este carinho fraterno pela multidão”. Mas

---

<sup>1</sup> “Informação [rasurado] em Junho de 1940», Junho de 1940. Em Ficheiro “Fernando Piteira Santos» do Arquivo da PIDE. (IANTT/PIDE/AC/SC/SR/Pr.1659/UI:2348 (Folha 530).

<sup>2</sup> Ainda de acordo com o historiador Luís Trindade, o momento que anuncia esta viragem é um editorial de Jorge Domingues publicado nas vésperas do Natal de 1938 (Trindade 2004: 32).

havia mais. Querendo *O Diabo* reconstruir-se como “o instrumento integralizador do homem da rua e do intelectual”, havia que combater a separação entre intelectuais e desporto, porque ela era a face visível da separação maior entre “a vida dos intelectuais e a vida viva”, ou seja: havia que reinventar a figura do intelectual levando-o a abandonar os “chamados “problemas do espírito”” (Santos 7-1-1939: 6).

Esta reinvenção do intelectual através do desporto é particularmente sugerida por Fernando Piteira Santos no texto que escreve sobre *Olimpíadas*, o célebre documentário de Leni Riefenstahl encomendado pelo regime nazi por ocasião dos Jogos Olímpicos de Berlim de 1936<sup>1</sup>. Criticando o documentário por conceder escassa atenção à ginástica – a modalidade “mais puramente desportiva” – e demasiada importância ao cariz competitivo dos desportos, Piteira Santos elogia a poesia cinematográfica que Riefenstahl empresta ao filme e considera-o “uma obra séria de divulgação e propaganda desportiva”. Celebrando a iconoclastia de Apolo ou Discóbolo<sup>2</sup> – “inconfundíveis com quaisquer místicos” – Piteira Santos encontra no filme motivos para reconfirmar uma “separação fundamental”: de um lado estão os “que se debruçam a cogitar sobre a vida, numa intenção deliberada de renunciar à vida”, do outro lado estão os “que vêem a vida como um combate, que a identificam com a própria ânsia de perfectibilidade e que não pensam sem integrar a sua vida no seu pensamento”. Se aos primeiros “convém a paz dos claustros, a tranquilidade das penumbras”, aos segundos “quadra melhor o ar livre e o “claro sol””, não havendo “cultura que lhes dissocie o corpo do espírito”. No fundo, os segundos preferem a “religião da vida” (Santos 11-2-1939: 8), renegando o

---

<sup>1</sup> Não será de somenos a importância dos Jogos Olímpicos de Berlim de 1936 para a construção de um discurso sobre desporto entre os intelectuais antifascistas. No caso do desporto feminino, as preocupações de saúde adquiriam então um cunho de género muito claro: “*Nos estadiuns e nas piscinas as raparigas aparecem em grande número, demonstrando as suas aptidões. É que o desporto, o gosto pela vida ao sol e ao ar livre justificam plenamente a mais feminina ambição de todas as mulheres: conservar a sua mocidade e a sua juventude, corrigir defeitos estéticos e fazer sobressair os encantos que naturalmente possuam. As Olimpíadas em Berlim foram a mais bela e apoteótica demonstração de cultura física feminina*» (Emília 1937: 6).

<sup>2</sup> Semelhante representação de Discóbolo seria retomada em 1955 por Romeu Correia no romance *Desporto-Rei*, livro marcado pela crítica da alienação futebolística mas igualmente pelo elogio às virtudes políticas da prática desportiva. Veja-se a nota de abertura: “Em Desporto, o desenvolvimento físico dos indivíduos importa acima de tudo. Mas, se ao aperfeiçoamento do corpo se alia o domínio dos nervos, a decisão e o espírito de equipa, que se forjam na harmonia e no ritmo dos jogos, o Homem atinge o seu apogeu físico e espiritual. O Desporto só é escola de perene juventude e felicidade quando, através dele, se atinge o perfeito equilíbrio entre o músculo e o pensamento – síntese ideal que a velha Grécia nos legou no imorredoiro Discóbolo» (Correia 1955: 1).

idealismo mais estéril em nome de um materialismo sem concessões, fazendo o “espírito” regressar ao “corpo” por obra e graça da actividade desportiva, já que ao encolhimento “umbiguista” dos intelectuais opõe o desporto a audácia indispensável a qualquer empresa revolucionária. A prática do desporto é uma prática de virtudes revolucionárias, o que torna aliás evidentes as razões da crítica comunista à comercialização do desporto: se o interesse do desporto residia na vitalidade da sua prática, a comercialização do desporto só podia ser tomada como a negação do desporto, pois ao promover a distinção entre o praticante e o espectador do desporto, a comercialização transformava o desporto em prática de uma minoria e contemplação de uma maioria.

Mas havia mais. Na verdade, a comercialização do desporto não se limitava nem a negar as virtudes políticas do desporto, nem a impedir a formação de um estilo nacional, nem a tornar o desporto um perigoso fenómeno para a saúde da nação ao ter por critério máximo a “produtividade” do espectáculo<sup>1</sup>, nem a contaminar a autenticidade do comprometimento desportista ao introduzir uma lógica de valorização mercantil num processo que deveria ter por finalidade o desenvolvimento ético, estético e biológico dos indivíduos. A comercialização do desporto tinha também o condão de negar as virtudes políticas do desporto ao reformular a própria natureza da prática desportiva, sugeria Fernando Piteira Santos dando como exemplo a profusão do dribbling. Gesto individualista e exibicionista fomentado pela necessidade comercial de adornar o espectáculo e de precipitar os golos, para Piteira Santos o dribbling era um gesto antidesportivo por excelência, pois enquanto o ideal desportivo educava “para a cooperação e para o auto-domínio”, o praticante de futebol que dribla “esquece-se frequentemente de que a verdadeira finalidade dessa modalidade é a de, pela realização de um

---

<sup>1</sup> Piteira Santos referia-se aos vários casos de tuberculose registados à época entre futebolistas: “Um jovem débil, porque interessa pela sua habilidade a um clube poderoso, não deve praticar um desporto que exija que a sua compleição física não comporte. Os espectadores perdem um “virtuoso” mas a nação ganha menos um “tuberculoso”» (Santos 11-2-1939: 8). No mesmo sentido, veja-se: César Anjo, “A Tuberculose é uma doença social», em *Sol Nascente*, n.º 38, 15-8-1939, p.13. A tuberculose é também objecto de uma primeira experiência literária de Romeu Correia. Numa fase em que não há sinais de uma sua proximidade às ideias comunistas, Correia escreve uma pequena novela em que relata como um jovem – ele próprio? – curou a tuberculose através de uma saudável prática desportiva (Correia 1942).

jogo “associado”, combinado, educar para a cooperação, para o voluntário apagamento do indivíduo na equipa” (Santos 26-8-1939: 3). Se, a propósito da actividade desportiva em *Olimpíadas*, Piteira Santos apelava à revitalização dos corpos dos intelectuais, impondo aos seus espíritos uma vontade militante, ao fazer a defesa do desporto contra o drible ele vem sugerir as virtudes desportivas de regulação da impulsividade individual. Tal como o campismo, o desporto apela à acção mas também trata de disciplinar essa mesma acção, fomentando o hábito da regra e do controlo que garantiriam a consequência e a ordem das acções políticas em detrimento da espontaneidade dos aventureirismos. Ao campismo e ao desporto cabia então fazer cumprir dois princípios de uma adequada educação política comunista: por um lado combater a moleza em que os idealismos e os “umbiguismos” instalaram a política, por outro controlar a impulsividade a que o espontaneismo conduzia a política. Enquanto processo civilizacional, o desporto encontrava assim a sua aplicação socialista: “Os resultados a obter do Desporto não são as vitórias exaustivas e casuais, são os benefícios individuais e colectivos: a possibilidade de uma humanidade saudável, leal, audaz, controlada, metódica, solidária”, escrevia Fernando Piteira Santos (Santos 11-2-1939: 8).

Pelo desporto se devolvia ao espírito o vigor do corpo e pelo desporto se devolvia ao corpo o controlo do espírito, numa complementaridade que por si só representava muito do entendimento da política assumido pelo PCP reorganizado.

Obviamente, esta aproximação ao desporto não reflecte um entendimento da acção política exclusivamente partilhado pelos comunistas. A defesa do desporto enquanto exercício de subjugação do indivíduo ao colectivo faz igualmente jus a políticos e intelectuais de outras correntes, como mostra o caso de Mário de Figueiredo, ele que viria a ser ministro da educação nacional no início dos anos 40 e que em 1936 afirmava na Assembleia Nacional:

É que realmente o exercício dos desportos pode convencer praticamente a mocidade de como, nessa matéria, o individualismo conduz à derrota. Nos desportos de grupo, o grupo tem bem o sentir de que ou a vitória é do conjunto ou ela é impossível. Vou mais adiante, empregando até uma palavra muito usada nos meios desportivos e que em geral só é aplicada aos grandes jogadores: ele é tão bom – diz-se deles – que até se desmarca para estar no sítio, isto é, para acudir a um erro de um colega e restituir a harmonia ao conjunto.

Eis aqui a vitória da ordem e da disciplina que aproveita a iniciativa do indivíduo para salvar o conjunto<sup>1</sup>.

Como vemos, nos anos 30 uma mesma forma desportiva de conceber a actividade política abriga conteúdos ideológicos contraditórios, como que se desenhando um amplo anel em que vários intelectuais circulam, conforme nos mostra o percurso de Alves Redol. No início de 1933, num momento em que ainda não se lhe conhecem compromissos comunistas, Alves Redol cria o jornal *Goal – Semanário Ribatejano: Desporto, Arte e Literatura*. Na abertura do jornal, Redol afirma o novo projecto como indispensável “porque era necessário aparecer um autofalante onde ideias ciciadas tivessem poder forte e vibrador”. Sem tempo para traçar programas, “porque programas são estrelas cadentes e as estrelas cadentes são astros inconstantes”, mas dando vazão à “nossa vitalidade moça, cheia de entusiasmo, repleta de espírito moderno” (Redol 11-1-1933: 1), Redol vem enaltecer o desporto como “espectáculo sublime da força física” que garante “a consolidação da força moral” (Redol 18-1-1933: 1) e define o atleta como “um carácter nobre e puro, em cuja escola desportiva se desenvolvem as características duma raça”. Exigindo que seja ministrada “uma ginástica racional e inteligente que nos dê a certeza consoladora de que o mal se afasta, dando lugar a uma nova era de rejuvenescimento”, o discurso de Alves Redol em *Goal* acolhe alguns dos tópicos que mais estreitaram a relação entre o desporto e um nacionalismo de cariz racista ao mesmo tempo que o aproxima das principais linhas de elogio de Piteira Santos à prática desportiva: “Dar luz ao espírito afundando-o em atmosferas rígidas de educação sem a luz da vida ao ar livre, renovadora de energias dispendidas na luta do pão e do futuro, é alquebrar uma geração já

---

<sup>1</sup> Mário de Figueiredo acrescenta ainda na sua intervenção: “E, ainda nas referências que na proposta são feitas ao canto coral, eu encontro, francamente marcadas, as mesmas notas da disciplina e da ordem que há pouco se verificaram nos desportos. No canto coral nota-se, sem dificuldade, que se alguém sai do conjunto estraga tudo; o indivíduo que não se subordina às leis de conjunto produz a desordem, isto é, a desarmonia do conjunto. Não há, pois, dúvida, por estas e por outras bases da proposta, de que ela tem um forte sentido anti-individualista». (Citado em *Diário da Assembleia Nacional*, 8-2-1936, pp.436-439).

Sobre esta questão do canto coral, em alternativa a esta submissão da voz individual ao colectivo, vejam-se as referências do musicólogo Mário Vieira de Carvalho à direcção coral empreendida por Fernando Lopes-Graça (Carvalho 2006: 43).

alquebrada por elementos mórbidos ancestrais, colhidos através dos séculos”, escreve Alves Redol (Redol 16-3-1933: 1).

### **Modos de Circulação**

Se a valorização comunista da fisicalidade, na qual se inscreve todo um programa sobre a natureza da acção política, acaba por ser assim tão semelhante à valorização da cultura física característica do pensamento de homens como o futuro ministro Mário de Figueiredo, é inevitável perguntar se haverá algo de substancial que em última instância permita *distinguir* uns e outros? A esta pergunta há quem responda que não. Nos últimos anos, vários historiadores têm mantido um animado debate sobre a plausibilidade de uma comparação entre Stalin e Hitler e, por via destes, entre regimes comunistas e regimes fascistas. Em Portugal, apesar de nunca ter existido um regime comunista, vários jornalistas, políticos e historiadores têm tendido a produzir uma equiparação que se pretende da mesma ordem. Esse não é o nosso caminho. Por mais continuidades que se encontrem entre um e outro extremo do mapa ideológico, existe uma descontinuidade permanente entre um homem do regime e um militante comunista: a descontinuidade entre poder de Estado e poder resistente. Esta descontinuidade implicou modos divergentes de circulação no plano da história que aliás não deixaram de se repercutir a nível dos próprios imaginários construídos em torno do chamado “*ar livre*”.

No discurso comunista, para além do tom nacionalista e higienista por vezes contido no apelo ao “*ar livre*”, as diversas práticas de conhecimento físico do território foram igualmente recenseadas desde um ponto de vista classista. A título de exemplo veja-se uma passagem do estudo etnográfico que Victor de Sá apresenta ao *1º Congresso de Etnografia e Folclore*, estudo intitulado “*A Tradição do Anjo (Póvoa do Varzim)*”:

Em todos os anos há um dia em que as bouças [terreno de propriedade privada] são invadidas, os muros não são respeitados. Ninguém se apropria dos pinheiros, ou dos eucaliptos, ou de quaisquer dos seus frutos. Mas toda a gente se apropria da sombra que as árvores dão, da água fresca que corre nos regatos, dos calhaus tombados que podem servir de assentos. Esse dia é, todos os anos, a segunda-feira de Páscoa. É o dia da tradição do Anjo. [...] Consiste numa espécie de

grandioso pic-nic da gente laboriosa da vila da Póvoa de Varzim. É uma tradição que vem desde tempos remotos (Sá 1963 [1956]: 1236).

É nesta passagem clara a valorização da contradição entre o ar que é livre e a propriedade que se quer privada, valorização aliás semelhante à que encontramos no discurso dos comunistas britânicos relativamente ao campismo enquanto movimento de atravessamento/invasão das propriedades rurais.<sup>1</sup>

Em Portugal há porém um aspecto simbólico específico à valorização comunista das actividades do “ar livre”, aspecto decorrente da seguinte generalidade: entre os comunistas portugueses, qualquer prática de conhecimento físico do território era valorizável à luz da clandestinidade da situação política, pois conhecer o território era um imperativo de segurança para os militantes que circulavam no interior do país. (O campismo, por exemplo, proporcionava um espaço de reunião resguardado da vigilância policial). Os militantes clandestinos tornaram-se portadores de um conhecimento divergente do conhecimento do regime na medida em que os lugares por onde circulava os modos de circulação do regime eram aqueles que o militante queria evitar. Embora se possa descontar algum “lirismo” à seguinte confrontação, é certo que enquanto o polícia circulava de carro, o militante tendia a pedalar a bicicleta. E enquanto o carro se cingia à linearidade da estrada, a bicicleta torneava montes e valados<sup>2</sup>. Em 1996, numa entrevista ao jornal *Público*, era também disso que Álvaro Cunhal falava:

Houve anos, na vida do PCP, em que tivemos mais de cem passagens de fronteira terrestre. Arredondando, podemos dizer que em cada quatro dias havia um que entrava ou saía clandestinamente. E nesses anos todos houve uma só baixa: Francisco Miguel. Isto mostra que havia grande contacto com as populações, grande diversidade de conhecimentos. Quantas famílias, quantos casais, quantos passadores diferentes, quantas casas modestas na montanha e na planície, quantas casas pobres, quantos pontos de recepção. Uma imensidade de conhecimento humano (Cunhal 1996: 2).

Aliás, nos seus últimos anos de vida, em que mais facilmente o encontramos a fazer balanços e a esboçar memórias, Álvaro Cunhal atribuiria em diferentes ocasiões uma militante

---

<sup>1</sup> Entre os comunistas da Grã-Bretanha era assumida a valorização do campismo enquanto prática violadora da propriedade privada. (Entrevista a James Riordan, Lisboa, Junho de 2006, Registada).

<sup>2</sup> Para uma conceptualização desta *divergência*, veja-se: James C. Scott, *Seeing like a State – How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed*, New Haven / Londres, Yale University Press, 1998. Sobretudo capítulos 1 e 2.

importância ao exercício físico – “estou convencido de que o desporto e a ginástica me deram bastante capacidade de resistência” –, valorizando-o enquanto prática que conjuga atributos românticos e outros menos românticos, isto é, prática aventureira mas simultaneamente disciplinada: “Praticar desporto e não ter medo da chuva, praticar desporto mesmo à chuva, se o médico autoriza, fazer ginástica e bastante ginástica, estar ao ar livre o máximo de tempo que a vida permite, isso dá muita saúde e resistência” (apud Pires 1999: 65). A esta construção da fisicalidade do militante já haviam sido importantes, note-se, os romances de Manuel Tiago (Álvaro Cunhal). Em *Até Amanhã Camaradas*, para além da mítica figura da bicicleta, a própria actividade intelectual adquire um cunho físico, procurando-se superar o dilema entre espontaneidade do corpo e racionalidade da mente, entre vanguardismo aventureirista e vanguardismo tecnocrático. Assim, “apesar de já serem duas da manhã e estar esgotado”, o militante “continuou a leitura, há dias interrompida, de um livro de Lenine. Não, não podia perder tempo” (Cunhal 1998: 88).

José Neves é historiador. Doutorado em História da Cultura pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, com uma tese intitulada *Comunismo e Nacionalismo em Portugal – Política Cultural e História no Século XX*, desenvolve presentemente investigações de pós-doutoramento no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. As suas principais áreas de interesse são a História do Comunismo, os Estudos sobre Nacionalismo e a História e Sociologia do Desporto, área no âmbito da qual publicou co-editou, com Nuno Domingos, *A Época do Futebol – O Jogo visto pelas Ciências Sociais* (Assírio e Alvim, 2004).

**Endereço:** Rua Cecílio de Sousa, n.º 20, 2º esquerdo, 1200-101 Lisboa, PORTUGAL.

**E-mail:** jose.neves@ics.ul.pt

## BIBLIOGRAFIA

- [Editorial], “Desporto e Educação Física”, em *Vértice*, n.º 47, Junho de 1947, pp.103-104.
- A.F.F.[?]. “Desporto”, em *Sol Nascente*, n.º 42, 1-1-1940, p.12
- ADORNO, Theodor W.. “Tempos Livres”, 1969. Em Theodor W. Adorno, *Sobre a Indústria da Cultura*, Coimbra, Angelus Novus, 2003, p.137.
- AMADO, João Leal. *Vinculação versus Liberdade – O Processo de Constituição e Extinção da Relação Laboral do Praticante Desportivo*, Coimbra, Coimbra Editora, 2002.
- ANDRADE, Luís Crespo de. *Fundamentos da Esperança Política – A Alegria Comunista*, dissertação de doutoramento, FCSH – Universidade Nova de Lisboa, 2006.
- ANJO, César. “Pousadas Regionalistas”, em *O Trabalho*, Viseu, n.º 299, 29-6-1939, p.1.
- BRAGA, Mário. “Desporto e Cultura”, em *Vértice*, n.º 150, Março de 1956, p.99.
- CAMPINO, Joaquim. “Depoimento de Joaquim Campino sobre Alves Redol”. Em António Mota Redol e Maria José Marinho (orgs.), *Alves Redol – Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Lisboa, Caminho, 2000, pp.46-50.
- CARAÇA, Bento de Jesus. “Um dobre a finados”, em *O Diabo*, n.º109, 28-6-1936, p.4
- CARVALHO, Mário Vieira de. *Pensar a Música, Mudar o Mundo: Fernando Lopes-Graça*, Porto, Campo das Letras, 2006.
- CORREIA, Romeu. *Desporto-Rei*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1955, p.6.
- CORREIA, Romeu. *Os Gregos – Novela Desportiva*, Torres Vedras, 1942.
- COSTA, Pereira da. “Desporto e Educação Física”, em *Sol Nascente*, n.º 36, 1-5-1939, p.15.
- CUNHAL, Álvaro. “Entrevista de Ana Sousa Dias a Álvaro Cunhal”, *Público*, 17-4-1996.
- CUNHAL, Álvaro. “Um Mar de Sargaços”, em *O Diabo*, n.º 237, 8-4-1939, p.1
- CUNHAL, Álvaro. “Unidade, Garantia da Vitória – Informe ao Comité Central, Junho de 1947”, Junho de 1947. Em Álvaro Cunhal, *Obras Escolhidas I, 1935-1947*, Lisboa, Edições Avante!, 2007.
- CUNHAL, Álvaro. *Até Amanhã Camaradas*, Lisboa, Caminho, 1998.
- DIAS, Fausto. “Sobre o Turismo em Portugal”, em *Vértice*, n.º 125, Fevereiro de 1954, p.125.
- EMÍLIA, M.. “A Mulher e o Desporto”, em *Sol Nascente*, n.º4, 15-3-1937, p.6

GOUNOT, André. “Face au Sport Moderne 1919-1939”. Em Jean Vigreux e Serge Wolikow (orgs.), *Cultures Communistes au XX Siècle – entre Guerre et Modernité*, Paris, La Dispute, 2003, pp.203-218.

JÚNIOR, Tavares. “Sugestões acerca do desporto universitário”, em *O Diabo*, n.º 236, 1-4-1939, p.7

LIMA, Aureliano. “O Desporto como Terapêutica Criminalista”, n.º2, Fevereiro de 1943, p.111.

MADEIRA, João. *Os Engenheiros de Almas – O Partido Comunista e os Intelectuais (dos anos 30 a inícios de 60)*, Lisboa, Estampa, 1996.

MALLY, Lynn. *Culture of the Future: The Proletkult Movement in Revolutionary Russia*. Berkeley, University of California Press, 1990.

MARX, Karl. “Introduction to A Contribution to the Critique of Hegel’s Philosophy of Right”, 1844. Em [www.marxists.org](http://www.marxists.org).

MIGUEL, Francisco. “Francisco Miguel Duarte, Intervenção no Tribunal em 1955”. Em *A Defesa Acusa – Os Comunistas Portugueses perante a Polícia e os Tribunais Fascistas*, op.cit., p. 90.

MOURA, Mário Mendes de. *O Campismo na Vida Moderna*, Lisboa, Biblioteca Cosmos / Edições Cosmos, 1946, p.6.

NOGUEIRA, Pedro Aguiar [Cansado Gonçalves]. “Vamos para o Campo! Escotismo e Campismo”, em *O Diabo*, n.º 245, 10-6-1939, p.7.

PCP. *Programa do PCP – Aprovado pelo VI Congresso em 1965*, Edições Avante!, 1974, p.47.

PEREIRA, José Pacheco. *Álvaro Cunhal, Uma Biografia Política. “Daniel” – O Jovem Revolucionário (1913-1941)*, Lisboa, Temas e Debates, 1999.

PIRES, Catarina. *Cinco Conversas com Álvaro Cunhal*, Porto, Campo das Letras, 1999.

REDOL, Alves. “Editorial: Porquê?!...”, em *Goal*, n.º1, 11-1-1933, p.1.

REDOL, Alves. “Novos Horizontes”, em *Goal*, 18-1-1933, p.1

REDOL, Alves. “Vida”, em *Goal*, 16-3-1933, p.1.

RIORDAN, James & Arnd Krüger (orgs.). *The Story of Workers Sport*, Champaign, Human Kinetics, 1996.

RIORDAN, James. *Sport, Politics and Communism*, Manchester, Manchester University Press, 1991.

SÁ, Victor de. “A Tradição do Anjo (Póvoa do Varzim)”, 1956. Em *Actas do 1º Congresso de Etnografia e Folclore (1956)*, Lisboa, Biblioteca Social e Corporativa, 1963, p.365. [Publicado também em *Boletim do Rotary Club de Braga*, 20-7-1956, p.1236].

- SANTOS, Fernando [Fernando Piteira Santos]. “Desporto e Fisiocultura – Explicação necessária”, em *O Diabo*, n.º 224, 7-1-1939, p.6.
- SANTOS, Fernando [Fernando Piteira Santos]. “Sentido e Finalidade do Desporto”, em *O Diabo*, n.º 229, 11-2-1939, p.8.
- SANTOS, Fernando Piteira. “Cultura, Desporto, Homem e Lucro”, em *O Diabo*, n.º 257, 26-8-1939, p.3.
- SCOTT, James C.. *Seeing like a State – How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed*, New Haven / Londres, Yale University Press, 1998.
- SEABRA, Fernando [Júlio Gesta]. “Algumas vantagens do desporto”, em *Sol Nascente*, n.º 43-44, Fevereiro-Março de 1940, p.11.
- SEABRA, Fernando [Júlio Gesta]. “Duas Concepções do Desporto”, em *Sol Nascente*, n.º 45, 15-4-1940.
- SERPA, Homero. *Cândido de Oliveira – Uma Biografia*, Lisboa, Caminho, 2001.
- TORRES, Flausino. “Turismo e Turismo”, em *República*, 11-6-1963, p.1.
- TORRES, Flausino. “O Turista e a Paisagem”, em *República*, 16-8-1963, p.1.
- TRINDADE, Luís. *O Espírito do Diabo – Discursos e Posições Intelectuais no semanário O Diabo, 1934-1940*, Porto, Campo das Letras, 2004.
- Sem autor. “Desporto e educação física”, em *Vértice*, n.º 47, Junho de 1947, pp.103-104.
- Sem autor. “Desporto, Campismo e Educação Física”, em *Sol Nascente*, n.º 36, 1-5-1939, p.17.
- Sem autor. “Voltas de Bicicleta”, em *O Diabo*, n.º 308, 24-8-1940, p.5.